

Uma síntese historiográfica sobre as hagiografias hiberno-latinas de Brígida de Kildare (séculos VII-VIII)

A historiographical synthesis on the Hiberno-Latin lives of Brigit of Kildare (7th and 8th centuries)

Clarissa Mattana⁴⁹

Artigo recebido em 31 de julho de 2024
Artigo aceito em 10 de dezembro de 2024

Resumo: Apresentamos neste artigo duas hagiografias em latim dedicadas à santa irlandesa Brígida de Kildare. Trazemos o debate sobre sua figura histórica e uma síntese historiográfica que abarca o contexto histórico de produção, a datação, o conteúdo e a circulação das hagiografias, além da possível relação entre ambas.

Palavra-chave: Culto aos santos. Hagiografia. Irlanda. Santidade.

Abstract: In this article we approach two Latin hagiographies dedicated to the Irish saint Brigit of Kildare. We present the debate about her historical figure and a historiographical synthesis on the possible dates of the texts, their content, their context of production and circulation, and how they possibly relate to each other.

Keyword: Cult of the Saints. Hagiography. Ireland. Sanctity.

Considerações introdutórias

Brígida de Kildare é uma das principais santas cultuadas pelo catolicismo irlandês, ao lado de São Patrício e São Columba. Seu culto é antigo, pois remonta ao início da cristianização da ilha, e especialmente bem difundido, tendo chegado ao continente ainda na Idade Média. O *corpus* brigidino medieval inclui uma considerável literatura hagiográfica, que, por sua vez, foi remobilizada em períodos históricos posteriores para a construção de novas narrativas e identidades, desde o Medievo até os dias atuais.

Os textos que sobreviveram nos possibilitam compreender os usos da memória de Brígida ao longo do tempo. Além de ter ganhado diferentes perfis de santidade, ela foi associada a uma divindade nativa, tornou-se ícone feminista,

⁴⁹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Orientador: Prof. Dr. Duarte Silva. Email: cla.mattana@gmail.com. Identificador ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6286-235X>. Este artigo está relacionado à pesquisa desenvolvida durante seu período de doutorado-sanduíche, realizado na Maynooth University, na Irlanda, sob orientação da professora doutora Elizabeth Boyle, e financiada pelo programa PDSE-CAPES.

e mesmo teve sua existência como personagem histórica questionada – inclusive por parte da academia que se dedicou a estudá-la. Atualmente, ela tem sido reconhecida e projetada para o grande público como uma mulher de grande poder e importância na sociedade patriarcal em que viveu.⁵⁰

No presente artigo, nosso objetivo é apresentar duas hagiografias sobre Brígida produzidas na Irlanda entre os séculos VII e VIII, que aqui faremos referência como *Vita Sanctae Brigitae* (VSB) e *Vita Prima* (VP).⁵¹ Essas obras são consideradas testemunhos dos estágios iniciais de seu culto (JOHNSTON, 2024, p. 2) e, conseqüentemente, do processo de expansão cristã e estruturação da Igreja na ilha. São textos que estão também relacionados à compreensão de disputas eclesásticas locais, das relações da Igreja com poderes laicos, do funcionamento das instituições monásticas, e das relações de gênero vigentes no contexto em que foram produzidos. Traremos uma síntese historiográfica sobre esses documentos, a fim de que sejam mais bem conhecidos pela historiografia brasileira e, quem sabe, possam despertar o interesse de mais medievalistas pelo contexto insular.

Brígida de Kildare: contexto histórico e narrativas

A identidade e figura histórica de Brígida têm sido alvo de debates desde o século XIX, quando historiadores e antiquários irlandeses desenvolveram a hipótese de que a santa cristã possuía relações com uma divindade pagã⁵² cultuada localmente.⁵³ O estabelecimento dessa conexão está relacionado a dois processos que aconteceram nesse período: o interesse acadêmico por decifrar

⁵⁰ Para conhecer melhor o debate público atual sobre Brígida, confira WYCHERLEY, 2022, e o episódio *St Brigit* do *The Medieval Irish History Podcast*, com a professora Catherine McKenna, da Universidade de Harvard.

⁵¹ Foi publicada recentemente uma edição crítica de ambas as hagiografias, de autoria de Philip Freeman (2024), que será utilizada para citações no presente artigo.

⁵² Entendemos que o uso dos termos “pagão” e “paganismo” pode ser problemático por representar uma visão uniformizadora da Igreja sobre práticas, crenças e religiões de populações não convertidas ao cristianismo. Este termo funciona como um “guarda-chuva” que abarca diferentes manifestações culturais e religiosas das quais temos poucos registros, e apaga uma das principais características da chamada Europa Ocidental durante a Antiguidade Tardia e os primeiros séculos medievais: a diversidade cultural e religiosa. Sobre esse tema, veja: SCHMITT, 1997, p. 27-45.

⁵³ Para um aprofundamento neste debate e sobre as diferentes identidades e simbolismo que Brígida adquiriu ao longo do século XIX e no século XX, em especial no contexto dos movimentos nacionalista, feminista e do “Celtic Revival”, veja: MCKENNA, 2000.

línguas antigas e recuperar a chamada mitologia irlandesa;⁵⁴ e a busca por unificar símbolos de identidade nacional, em um contexto marcado pelos movimentos de independência dos irlandeses contra a soberania da coroa britânica (MCKENNA, 2000, p. 76).

Segundo Catherine McKenna (2000, p. 76), evidências sobre a deusa – que, no caso, seria uma deidade local ou pan-céltica, identificada como Brigit, Bríg ou Brigantia – são escassas e dispersas. A principal delas seria um texto conhecido como *Sanas Cormaic*, um glossário em irlandês antigo datado do século IX, que contém mais de 1.400 palavras nesta língua, com suas respectivas definições e/ou etimologias. Nesse documento, o nome “Brigit” se refere a três deusas homônimas: a primeira era uma vidente, cultuada pelos *filid*;⁵⁵ a segunda, uma curandeira; e a terceira, uma ferreira.⁵⁶

Parte da historiografia abraçou a ideia de Brígida como fruto de um processo de fusão ou substituição da deusa pela santa, de forma que a personagem retratada nas fontes escritas seria fruto de sincretismo, ou do processo de evemerização dessa divindade (MCKENNA, 2000, p. 75). No entanto, esses textos possuem caráter essencialmente hagiográfico e foram produzidos em ambientes intelectuais cristãos, nos primeiros séculos de cristianização. Historiadores da linha de pensamento nativista defendem que as tradições autóctones anteriores à chegada do cristianismo estariam preservadas na produção textual cristã irlandesa; já os chamados anti-nativistas negam qualquer existência de “sobrevivências pagãs” nessas obras (CUSACK, 2007, p. 77).

Segundo a perspectiva anti-nativista, os textos brigidinos que chegaram até nós não teriam traços identificáveis de uma cultura anterior à cristianização,

⁵⁴ Aqui fazemos referência aos mitos e narrativas épicas irlandesas, de origem autóctone, que foram transmitidas inicialmente pela oralidade, e posteriormente na forma de textos em vernáculo, cujos registros escritos mais antigos datam do século VIII.

⁵⁵ Na sociedade da “Early Ireland”, os *filid* (singular *fil*) eram um dos principais grupos dos *áes dáno*, que eram profissionais especializados que possuíam alto status social. Tais hierarquias sociais seriam anteriores à chegada do cristianismo, e os *filid* atuavam como poetas, genealogistas e historiadores, estando relacionados ao registro transmissão das tradições, o que antes da conversão se dava por meio da oralidade. Um pouco mais sobre os *filid* e as comunidades de saber na Irlanda no período em questão pode ser conferido em: JOHNSTON, 2013, p. 16-23.

⁵⁶ A glosa sobre Brigit traduzida para o inglês, pode ser consultada em: O'DONOVAN; STOKES, 1868, p. 23.

o que inclui evidências do processo de transformação de uma deusa local em uma santa cristã, ou de aspectos do culto e tradições relacionados a essa divindade. Já para os nativistas, as hagiografias estariam permeadas de referências a uma tradição antiga, e a associação da santa com a deusa podia ser inferida não apenas graças a essas “sobrevivências”, mas também devido à extensão geográfica do culto à Brígida, que era amplamente difundido pela Irlanda já no século VII, período no qual esse material foi produzido.

Essa questão ainda suscita o debate acadêmico. Por exemplo, para Carole Cusack, a figura de Brígida seria o produto de um sincretismo, delineado em um contexto complexo de conversão e transformações culturais e religiosas (CUSACK, 2007, p. 97). Já Katja Ritari enfatizou que os textos hagiográficos brigidinos são atravessados por uma compreensão teológica da santidade, e obras literárias provenientes de uma cultura cristã e letrada. (RITARI, 2010, p.1). Visto isso cabe também pontuar que, ao contrário dos dois outros santos nacionais irlandeses, Brígida é a única que tem sua existência histórica questionada, ainda que muitas inferências sobre ela possam ser feitas a partir da documentação escrita que temos disponível.

Os anais irlandeses medievais registraram sua morte nos anos 520, por volta de seus 70 anos.⁵⁷ Isso a situa historicamente no final do século V e início do século VI, o que na história da Irlanda significa um período em que a conversão se encontrava em curso, a aristocracia cristã buscava intensamente a vida monástica, e a Igreja começava seu processo de estruturação, a partir da fundação de comunidades monástico-eclésiásticas, que, ao longo de um século, iriam adquirir grande proeminência.⁵⁸

⁵⁷ Os Anais de Ulster trazem as datas de 524 e 526, além de um registro no ano de 528, identificado como uma interpolação. Os Anais de Inisfallen registram a morte de Brígida em 524 (JOHNSTON, 2024, p. 2).

⁵⁸ Durante muito tempo, prevaleceu a ideia de que, do período logo após a conversão até as reformas do século XII, a Igreja na Irlanda era formada essencialmente por instituições de caráter monástico. No entanto, segundo Colman Etchingham, esse modelo acabou por simplificar uma complexa realidade histórica. Centros eclesiásticos eram também assentamentos, com propriedades e populações que nelas viviam. Estas eram administradas por um leigo chamado de *princeps* ou, em irlandês antigo, *airchinnech*, termos muitas vezes traduzidos como “abade”. Este indicava um clérigo para o cargo de bispo, a fim de realizar funções episcopais, e isso garantia um status tanto para a instituição, quanto para o *airchinnech*. Os bispos, como em outras partes do mundo cristão, eram atores sociais importantes, e apenas centros com status episcopal tinham

É possível associar Brígida a região de Leinster, na Irlanda, onde se encontra Kildare, fundação monástico-eclésiástica atribuída a ela, e devido à sua associação a um grupo de famílias nobres dessa província, os Fothairt. Segundo a VSB, os pais de Brígida pertenciam à linhagem de Eochaid, fazendo referência a Eochaid Fúath nAirt, o antepassado mítico desse grupo.⁵⁹ Há também uma referência à Brígida na introdução de um tratado genealógico dos Fothairt ⁶⁰ (JOHNSTON, 2024, p. 20). Ter uma ancestralidade relacionada a uma pessoa considerada santa era algo comum na Irlanda e tinha um importante significado simbólico. Tal parentesco conferia prestígio e relevância ao grupo no cenário político e eclésiástico. Com isso, genealogias de santos se tornaram um importante subgênero literário, tributário do gênero hagiográfico (JOHNSTON, 2024, p. 19). Segundo Elva Johnston, a associação de Brígida aos Fothairt a tornava “real” por meio de suas relações familiares.

Um dos privilégios que os Fothairt obtiveram devido, em parte, à construção dessa ancestralidade, foi que muitas mulheres da família, de diferentes ramos, ocuparam o cargo de abadessa de Kildare, que era um monastério duplo, ou seja, acolhia tanto monges quanto monjas⁶¹ (JOHNSTON, 2024, p. 20; ETCHINGHAM, 2000-2001, p. 16-21). Ainda que nenhum texto hagiográfico relate o episódio da fundação especificamente, a associação com Brígida é antiga e perdura até os dias atuais. É na cidade de Kildare, no condado de mesmo nome, na Irlanda, que encontramos a Catedral de Santa Brígida, um edifício do século XIX construído no local que, desde o Medievo, é considerado como o sítio onde ela teria estabelecido sua comunidade de monjas no final do século V.

alto prestígio e privilégios legais. A divisão em dioceses só passou a existir após as reformas (ETCHINGHAM, 2000-2001, p. 8).

⁵⁹ VSB, cap. 1, p. 19 (inglês) e 44 (latim).

⁶⁰ Esse parágrafo introdutório relaciona Brígida e o ancestral dos Fothairt, e foi traduzido para o inglês por Colmán Etchingham (ETCHINGHAM, 2000-2001, p. 17). Para o trecho em irlandês antigo, veja: O’BRIEN, 1962, p. 80.

⁶¹ Uma descrição da organização da entrada de monges e monjas para assistir aos ofícios sagrados na igreja principal de Kildare se encontra em: VSB, cap. 32, p. 39 (inglês) e 62-63 (latim).

A VSB foi escrita por volta de 675, e um de seus objetivos é reclamar um status arquiépiscopal para Kildare, com supremacia sobre as demais igrejas irlandesas. Nesse período, a produção de hagiografias na Irlanda servia ao propósito de promover um centro eclesiástico e a memória de seu santo fundador, caracterizando uma disputa por uma posição primacial (MCCONE, 1984, p. 30). Essa posição foi reivindicada logo no prólogo da obra:

Então ela [Brígida] - crescendo em extraordinárias virtudes e em fama por suas boas ações, com inúmeras pessoas de ambos os sexos indo até ela de todas as províncias da Irlanda, e voluntariamente fazendo seus votos – construiu seu monastério como a cabeça de quase todas as igrejas irlandesas, e com proeminência sobre todos os mosteiros irlandeses, cuja *paruchia*⁶² está espalhada por toda o território dos irlandeses e se estende de um mar a outro. Nas planícies de Mag Liffe ela construiu um firme alicerce de fé.⁶³

Além disso, o texto nos apresenta detalhes da comunidade brigidina, de forma que sabemos que Kildare contava tanto com o cargo de bispo quanto de abadessa. Segundo a VSB, Brígida teria convocado o eremita Conleth para ocupar a cadeira episcopal.⁶⁴ Dessa forma, Kildare foi caracterizada como uma instituição não apenas monástica, mas também episcopal desde suas origens, de forma a trazer legitimidade para sua reivindicação.

A figura de Conleth resolvia um problema doutrinário e prático, visto que o gênero de Brígida não permitia que ela ocupasse um cargo de bispo. No entanto é possível que as abadessas de Kildare, tenham atingido um status equivalente ao episcopal se considerarmos a tradição hagiográfica (JOHNSTON, 1995, p.

⁶² Objetivamente, *paruchia* foi um termo usado nas fontes irlandesas para definir a esfera jurisdicional de um centro monástico-eclesiástico, ou seja, as igrejas e mosteiros subordinados a esse centro principal e que lhes deviam tributos (ETCHINGHAN, 2000-2001, p. 7).

⁶³ VSB, Prólogo, p. 17 (inglês) e 42 (latim): *Haec ergo egregiis crescens virtutibus, ubi per famam bonarum rerum ad eam de omnibus provinciis Hiberniae innumerabilis populi de utroque sexu confluebant vota fibi vouentes voluntariae, suum Monasterium caput paene omnium Hiberniensium Ecclesiarum et culmen praecellens omnia monasteria Scotorum, cuius parrochia per totam Hiberniensem terram defusa a mari usque ad mare extensa est. In campestribus campi Liffei supra fundamentum fidei firmum construxit.* Tradução nossa para o português.

⁶⁴ VSB, Prólogo, p. 18 (inglês) e 43 (latim): *Et prudenti dispensatione de animabus suorum regulatiter in omnibus procurans et de ecclesiis multarum provintiarum sibi adherentibus sollicitans, et secum reuoluens quod sine summo sacerdote qui ecclesias consecraret et eclesiásticos in eis gradus subrogaret esse non posse. Inlustrem virum et solitarium Conleth et omnibus moribus bonis ornatum per quem Deus virtutes operatus est plurimas, conuocans eum de heremo et de sua vita solitária, et in ipsius obuiam pergens, ut nihil de ordine sacerdotali in suis deeset ecclesis accessivit.*

210). Em um texto do século IX, conhecido como *Bethu Brigitte*, de autoria desconhecida e escrito parte em latim, parte em irlandês antigo, Brígida recebeu ordens episcopais enquanto fazia seus votos monásticos. O bispo que realizava a cerimônia estava “inebriado com a graça de Deus” e teria a ordenado acidentalmente. O autor ressaltou que Brígida era uma exceção, e em toda Irlanda apenas ela poderia ocupar tal cargo.⁶⁵ Como as abadessas de Kildare eram consideradas sucessoras de Brígida, tal anedota pode ter sido concebida para justificar e legitimar a sua alta posição entre os cargos da Igreja irlandesa.

Essas mulheres possuíam poder e prestígio o suficiente para constar em registros históricos públicos, como os anais, que essencialmente mantinham as mulheres à margem. O primeiro registro é o da morte da abadessa Gnathnat, em 690, havendo continuidade até o século XII. A análise desses obituários permitiu identificar as mulheres Fothairt e observar que conexões familiares era um aspecto importante na dinâmica sucessional do cargo. (ETCHINGHAM, 2000-2001, p. 16). Portanto, a relação com Brígida, legitimada por meio da tradição hagiográfica e genealógica, permitiu ao Forthairt, por meio das mulheres da família, o controle de um importante cargo da Igreja irlandesa até o início do século XI.

Além disso, a abrangência do culto à Brígida para além dos limites de Leinster também estaria relacionado à distribuição geográfica desse grupo, que possuíam núcleos fora da província. A ancestralidade e o culto a Brígida funcionariam, portanto, como um elemento unificador, conferindo uma identidade comum aos Fothairt, mesmo que espalhados pelo território insular (CHARLES-EDWARDS, 2017, p. 92)

Dessa forma, é possível entender que a figura de Brígida vem sido mobilizada para diferentes fins, desde os primórdios do seu culto, nos séculos iniciais da cristianização da Irlanda. A literatura hagiográfica produzida sobre ela nesses primeiros estágios foi um importante meio para a construção dessas diferentes narrativas, seja para legitimar o controle de uma família sobre um

⁶⁵ Bethu Brigitte, par. 19 (Ó HAODHA, 1978, p. 6): *Ibi episcopus Dei gratia inebreatus non cognovit quid in libro suo cantavit. In gradum enim episcopi ordinavit Brigitam. 'Haec sola', inquit Mel, 'ordinationem episcopalem in Hibernia tenebit virgo'* [grifo nosso].

cargo eclesiástico; ou justificar a reivindicação de Kildare por primazia; ou, séculos mais tarde, embasar a busca por um passado mítico pré-cristão ou celebrar o triunfo de uma mulher em um período de transformações em uma sociedade patriarcal. No próximo item deste capítulo iremos debater dois desses textos: a *Vita Sanctae Brigitae* (VSB), e a *Vita Prima* (VP).

***Vita Sanctae Brigitae* e *Vita Prima*: hagiografias brigidinas em perspectiva**

Ao longo do século VII, a escrita hagiográfica em latim se desenvolveu na Irlanda em resposta aos seus contatos com o Continente, e, como já mencionamos anteriormente, associada a disputas de poder entre grandes comunidades monástico-eclesiásticas locais (MCCONE, 1984, p. 29-30). As obras mais antigas que chegaram até nós datam da segunda metade deste século, e são: a VSB, que foi escrita pelo monge de Kildare Cogitosus; os textos sobre Patrício de Muirchú moccu Machtheni e Tírechán; e uma vida de Columba, escrita pelo abade Adómnan de Iona. Evidências ainda apontam para a existência de autores e obras anteriores a esse período, mas cujos escritos não sobreviveram (DAWSON, 2011, n.p.). Alguns desses textos podem ter se perpetuado por meio da VP, que é considerada uma compilação de textos hagiográficos mais antigos, cuja procedência a historiografia não conseguiu determinar (DAWSON, 2017, p. 38).

Ao retratar homens e mulheres considerados santos que viveram nos séculos iniciais de expansão do cristianismo na Irlanda, os hagiógrafos construíram também diferentes narrativas sobre esse processo, além de terem deixado indícios sobre a situação do cristianismo e a Igreja no século VII (DAWSON, 2011, n.p.). Em meados deste século, Kildare disputava com Armagh, centro ligado a Patrício, por uma supremacia territorial, eclesiástica e política. Já no século VIII, esta primazia, ainda que de forma intermitente, estava nas mãos de Armagh, e a jurisdição de Kildare sobre as igrejas brigidinas dentro e fora de Leinster estava em disputa (ETCHINGHAM, 2000-2001, p. 7). Dessa forma, podemos dizer que os textos hagiográficos fizeram uso do tema da cristianização para construir e legitimar reivindicações que lhes eram contemporâneas, como veremos nos parágrafos a seguir.

Cogitosus teria escrito a VSB em Kildare, por volta de 675. Muirchú, um dos hagiógrafos de Patrício, se referiu a Cogitosus como um “pai”, possivelmente no sentido espiritual, e como uma autoridade na escrita hagiográfica [*narrationis sanctae*].⁶⁶ Outros autores posteriores também se referenciavam a ele,⁶⁷ de forma que podemos inferir que Cogitosus foi uma figura importante nos ciclos intelectuais onde a escrita hagiográfica se desenvolveu na Irlanda. Não obstante, a VSB veio a se tornar um texto fundamental da tradição brigidina, servindo como fonte para outras obras posteriores, como a própria VP.

A VSB é um texto em prosa e em latim, composto por um prólogo, 32 capítulos e um epílogo. Ela sobreviveu em 56 manuscritos produzidos entre os séculos X e XV,⁶⁸ que se encontram majoritariamente em bibliotecas da Inglaterra e do continente. Essa distribuição está relacionada com o fato da produção escrita irlandesa dos séculos VI e VII, ter sido transmitida e preservada em grande parte por meio de manuscritos produzidos fora da ilha a partir do século IX, principalmente em mosteiros continentais. O texto é a hagiografia feminina medieval com maior número de cópias que dispomos nos dias de hoje (SMITH. 1995, p. 13). No entanto, não existe um estudo sobre a transmissão e a circulação da VSB, assim como da recepção de seu conteúdo dentro e fora da Irlanda. Isso deixa em aberto questões sobre a sua importância perante os demais textos brigidinos, a extensão do culto a Brígida no continente, e a influência irlandesa nos mosteiros continentais.

Podemos dividir o conteúdo da VSB em dois temas principais: os milagres de Brígida em vida (capítulos 1 a 30) e *post-mortem* (capítulos 31 e 32), e a apologia a Kildare (prólogo e capítulo 32) com descrições sobre a estrutura do

⁶⁶ *Vita Patricii*, prefácio: 2 (BIELER, 1979, p. 62): [...] *ideo, ni fallor, iuxta hoc nostrorum proverbum, ut deducuntur pueri in ambiteathrum in hoc periculossimum et profundum narrationis sanctae pylagus turgentibus proterue gurgitum aggeribus inter acutissimos carubdes per ignota aequora insitos a nullis adhuc lintribus excepto tantum uno patris mei Cogitosi expertum atque occupatum inginioli mei puerilem remi cymbam deduxi* [grifo nosso].

⁶⁷ Outra referência direta a Cogitosus se encontra em um manuscrito produzido em Rheims, datado possivelmente do século IX, que contém um poema em latim dedicado à Brígida. No prólogo, lemos que o autor tinha como objetivo escrever uma hagiografia em forma de poesia, e faz um elogio aos autores que, antes dele, compilaram os seus milagres em prosa, entre eles Cogitosus. Para o texto da fonte, confira: ESPOSITO, 1935, p. 126.

⁶⁸ Uma listagem desses manuscritos pode ser conferida em: [https://codecs.vanhamel.nl/Vita_sanctae_Brigitae_\(Cogitosus\)](https://codecs.vanhamel.nl/Vita_sanctae_Brigitae_(Cogitosus)) (acesso em 20 de dezembro de 2024). Maiores detalhes podem ser encontrados em: ESPOSITO, 1912-1913, p. 308-319.

monastério. Todo o conteúdo da hagiografia é essencial para a construção do reclame de Cogitosus pela supremacia de Kildare, pois não apenas busca comprovar o poder de sua santa patrona através de sua atividade taumatúrgica, como também caracteriza Kildare em dimensões grandiosas, e como o local de guarda as relíquias de Brígida e, conseqüentemente, da manifestação de seu poder mesmo após a sua morte.

A descrição dos corpos sepultados de Brígida e Conleth na igreja de Kildare é o registo mais antigo do culto às relíquias na Irlanda cristã. Segundo Cogitosus:

[...] os corpos gloriosos de ambos, isto é, do Arcebispo Conleth e desta florescente virgem Brígida, descansam à direita e à esquerda do altar, colocados em túmulos adornados com vários ornamentos de ouro, prata, gemas e pedras preciosas [...].⁶⁹

Para Niamh Wycherley, o posicionamento das relíquias e a ornamentação suntuosa dos túmulos mostram que a guarda dos restos mortais de Brígida era central para Kildare. Cogitosus descreveu também um intenso fluxo de peregrinos,⁷⁰ que provavelmente iam ao monastério atraídos pela presença dos vestígios corpóreos de Brígida, o que contribuía significativamente para a manutenção da posição de Kildare no cenário político-elesiástico da Irlanda em meados do século VII (WYCHERLEY, 2015, p. 46-47).

Ao lado desse conteúdo apologético sobre Kildare, a santidade de Brígida foi desenvolvida ao longo dos 32 capítulos da obra, que possuem majoritariamente um conteúdo anedótico que remete aos milagres de Jesus no Novo Testamento, organizados com pouca preocupação cronológica, e com poucas referências a nomes de pessoas e lugares. Há uma predominância de milagres de cura, alimentação e que envolvem o controle das forças da natureza, incluindo de animais. Alguns autores argumentaram que esses milagres seriam “tipicamente femininos”, mas, ao comparar hagiografias femininas e masculinas hiberno-latinas do mesmo período, Helen Oxenham mostrou que essas categorias

⁶⁹ VSB, cap. 32, p. 38-39 (inglês); 62 (latim): *In qua gloriosa amborum, hoc est, Archiepiscopi Conleath et hujus Virginis florentissimae Brigidae corpora, a dextris et a sinistris altaris decorati, in monumentis posita, ornatis vario cultu auri et argenti et gemmarum pretiosi lapidis [...] requiescunt.* Tradução nossa para o português.

⁷⁰ VSB, cap. 32, p. 40-41 (inglês); 64 (latim): *Et quis dinumerare potest diversas turbas et innumerabiles populos de omnibus prouinciis confluentes? [...]*

de milagres também são significativas para a construção da santidade masculina, de foma que esse argumento não se sustenta (OXEMHAM, 2016, p. 135).

Na VSB, Brígida é uma santa monástica que tem a virgindade como principal virtude, que a torna excepcional (JOHNSTON, 2024, p. 9). Há também uma ênfase na pureza, na generosidade, na caridade, na prática da oração, e na compaixão com os pobres e injustiçados. Para Katja Ritari, tais atributos tinham uma função edificante, pois veiculavam às audiências valores essencialmente cristãos (RITARI, 2010, p. 11). A santidade de Brígida, baseada em uma conduta cristã exemplar e na transcendência dos atributos negativos de seu gênero, trazia legitimidade e força tanto às reivindicações de Kildare por supremacia, como ao cargo de abadessa.

Enquanto podemos localizar a VSB em um espaço e contexto histórico precisos, o mesmo não é possível para a VP. Esse texto hagiográfico não nos dá nenhuma pista direta sobre quem foi o seu autor, quais fontes ele utilizou, ou mesmo onde, quando e com qual propósito ele foi produzido. Muito foi debatido por parte da historiografia irlandesa sobre a sua datação e as afiliações do texto, especialmente em relação à VSB. O cerne do debate estava em estabelecer qual texto teria sido escrito primeiro, e a maior parte dos estudos envolvendo a VP tinham por objetivo resolver essa questão, sobre a qual ainda não há um consenso.⁷¹

A VP é um texto escrito em latim, com 129 capítulos, que conta sobre viagens de Brígida pela Irlanda e os milagres realizados por ela ao longo do caminho. A hagiografia é considerada uma compilação de materiais brigidinos escritos no século VII, e sua datação provável está inserida entre meados do século VII até o final do século VIII (DAWSON, 2017, p. 38; JOHNSTON, 2024, p. 4-5). Kim McCone dividiu a VP em três partes, que teriam sido derivadas de diferentes fontes: a primeira parte compreende os capítulos 1 a 41, que estariam relacionados a um texto que ele chamou de "A", e sugeriu que teria sido escrito pelo abade Ailéran de Clonard (m. 664); a segunda parte é formada pelos

⁷¹ O nome *Vita Prima* é derivado à ordem das hagiografias brigidinas na *Acta Sanctorum*, compilação de vidas de santos realizada pelos bolandistas. Eles acreditavam que a VP era o texto mais antigo, seguido pela VSB. Esse debate tomou corpo ao longo do século XX, e uma síntese pode ser consultada em: MCCARTHY, 2001, p. 245-247; e DAWSON, 2017, p. 38.

capítulos 42 a 96, que teriam sido copiados de uma fonte que McCone chamou de “B”, e atribuiu a Últan de Ardbraccan (m. 655/7); por fim, a terceira parte engloba os capítulos 97 a 129, cujo conteúdo teria sido copiado a partir de uma fonte denominada pelo autor de “C” (MCCONE, 1982, p.134-135).⁷²

A fonte “A” possivelmente foi a mesma utilizada pelo autor do *Bethu Brigte*. Isso por que apenas dois dos capítulos da primeira parte da VP não estão presentes nesse texto, o que sugere que esse hagiógrafo pode ter tentado fazer uma tradução da fonte “A” para o vernáculo, que não foi concluída (CONNOLLY, 1989, p. 6). De modo semelhante, a VSB pode ter sido usada como fonte para a terceira parte da VP, ou o compilador e Cogitosus teriam consultado uma fonte em comum, pois compartilham cerca de 32 episódios (CONNOLLY, 1989, p. 7).

Isto aponta para uma tradição textual muito consistente, datada do século VII, que foi copiada e usada como fonte para obras literárias posteriores, tanto em mosteiros na Irlanda como em instituições continentais. A influência de intelectuais irlandeses no continente, especialmente no território dos francos, teve início no século VI, com Columbano (m. 615), e continuou durante o período carolíngio, devido à demanda por especialistas em áreas como exegese e estudos bíblicos, gramática latina, e escrita hagiográfica, em virtude do projeto de renovação intelectual conhecido como “Renascimento Carolíngio” (MEEDER, 2018, p. 3). Com isso, obras de referência irlandesas chegaram às escolas monásticas continentais, e, considerando esse cenário, podemos inferir que a tradição hagiográfica sobre Brígida produzida no século VII, incluindo a VSB, poderia estar entre esses manuscritos.

Não obstante, a VP sobreviveu em 26 manuscritos, que, assim como a VSB, estão em sua maioria em bibliotecas da Inglaterra e do continente.⁷³ O tema central do texto são as viagens e os milagres de Brígida, desde a sua infância até

⁷² No entanto, cabe ressaltar não há evidências mais concretas que comprovem essas atribuições de autoria, sendo o esquema de McCone um possível modelo explicativo para a compilação da VP. No entanto, há uma tradição que considera Últan e Aileran como hagiógrafos de Brígida contemporâneos de Cogitosus (ambos são mencionados no prólogo do manuscrito de Rheims, por exemplo).

⁷³ A listagem dos manuscritos da Vita Prima pode ser consultada em: https://codecs.vanhamel.nl/Vita_prima_sanctae_Brigitae (acesso em 29 de dezembro de 2024). Para maiores informações, confira: CONNOLLY, 1972.

a vida adulta, como uma liderança religiosa feminina. Por convenção, nas hagiografias irlandesas, as viagens de um santo são um recurso discursivo usado para reivindicar jurisdição sobre uma região, mosteiro ou igreja, sendo deveras esclarecedor sobre a política eclesiástica e mesmo dinástica do período de produção do texto. No caso da VP, Brígida viaja não apenas dentro de Leinster, mas também para outras regiões da Irlanda, como Ulster, Munster, Connacht e o território dos Uí Neil do Sul.

Como resultado, a VP é repleta de nomes de pessoas com quem ela encontra e de lugares para onde vai. Ao contrário de Cogitosus, o autor da VP aparentemente buscou evitar controvérsias da política eclesiástica da Irlanda (CHARLES-EDWARDS, 2017, p.). Na hagiografia, Brígida viaja por Leinster sozinha ou acompanhada de suas monjas, mas, fora de suas fronteiras, ela viaja acompanhada de autoridades eclesiásticas masculinas, principalmente Patrício e os bispos que eram seus discípulos. Para Elizabeth Dawson, isso distinguia quais regiões estavam sob o controle de Kildare e quais estavam sob a jurisdição de Armagh, reforçando as relações estabelecidas com a comunidade patriciana (DAWSON, 2017, p. 39; 43).

Ao lado disso, como argumentou Thomas Charles-Edwards, a orientação geográfica da VP poderia estar relacionada à extensão do culto à Brígida na ilha, com ênfase em localidades sob influência dos Fothairt, (CHARLES-EDWARDS, 2017, p. 86-92). O tema das viagens também pode ter sido usado, segundo nossa análise da fonte sob uma perspectiva de gênero, para mostrar às audiências que Brígida estava inserida em uma rede de relações na qual seus membros mais importantes eram Patrício e seus bispos, ou seja, homens de grande poder e autoridade. A ênfase em tais conexões poderia significar que, no contexto da compilação da VP, mesmo para Brígida, o suporte de homens santos e bispos era um componente importante para a construção e manutenção de sua imagem como uma das principais autoridades da Igreja irlandesa.

Considerações finais

A tradição hagiográfica em latim sobre Brígida de Kildare produzida no século VII foi, durante a Idade Média, copiada e reelaborada em diferentes contextos históricos e localidades, mostrando que a veneração a essa santa se

manteve viva e atravessou as fronteiras insulares, sendo levada ao continente pelos peregrinos irlandeses, onde ficou preservada até os dias atuais. A VSB pode ser considerada um dos textos fundamentais dessa tradição e seu autor, Cogitosus, uma autoridade em escrita hagiográfica, de forma que o texto sobreviveu não apenas em uma extensa tradição manuscrita, como também por meio de outras obras que a usaram como referência. Uma destas, a VP, pode ser considerada a maior compilação de materiais sobre Brígida que chegou até os dias atuais e possivelmente um testemunho único das tentativas dos intelectuais e escribas de preservar essa tradição em uma única obra.

Ao lado disso, esse *corpus* hagiográfico foi central para a construção de diferentes identidades para Brígida ao longo do tempo. De santa medieval cujo culto perdura até a contemporaneidade, ela também foi considerada uma deusa cristianizada e um ícone indenitário, elaborado pelas feministas nacionalistas. Hoje, há um esforço em compreender Brígida como uma mulher que fundou e estruturou uma das principais instituições eclesásticas da Irlanda, e cuja autoridade e memória se perpetuaram por muitos séculos por meio de suas sucessoras, as abadessas de Kildare, ainda que em uma sociedade cristã e patriarcal, que buscava ao máximo limitar e suprimir a agência feminina.

Referências Bibliográficas

Documentos impressos e traduções

BIELER, Ludwig (ed.) **The Patrician Texts in the Book of Armagh**. Dublin: The Dublin Institute for Advanced Studies, 1979.

FREEMAN, Philip (ed.) **Two lives of Saint Brigit**. Dublin: Four Courts Press, 2024.

O'BRIEN, Michael (ed.) **Corpus Genealogiarum Hiberniae**, Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1962.

Ó HAODHA, Donncha (ed.) **Bethu Brigte**, Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1978.

STOKES, Whitley (ed.); O'DONOVAN, John (trad.) **Sanas Chormaic: Cormac's Glossary**. Irish Archaeological and Celtic Society, Calcutta, 1868.

Bibliografia

CHARLES-EDWARDS, Thomas. Early Irish saints' cults and their constituencies. **Ériu**, Dublin, Special ICM Edition, p. 79-102, 2017.

CONNOLLY, Seán, The authorship and manuscript tradition of Vita I sanctae Brigitae, **Manuscripta**, n. 16, v. 2, p. 67-82, Jul. 1972.

_____. Vita Prima Sanctae Brigitae: Background and Historical Value. **Journal of the Royal Society of Antiquaries of Ireland**, Dublin, n. 119, p. 5-49, 1989.

CUSACK, Carole. Brigit: Goddess, Saint, 'Holy Woman', and Bone of Contention. **In a Panegyric Note: Studies in Honour of Garry W. Trompf, Sydney Studies in Religion**, Sydney, n. 6, 2007. p.75-97.

DAWSON, Elizabeth. Pillars of Conversion in Muirchú and Tírechán: Two Case Studies. In: HARVEY, Anthony(ed.). **The Saint Patrick's Confessio Hypertext Stack**. Dublin, 2011. Disponível em: https://www.confessio.ie/more/article_dawson#. Acesso em: 29 junho de 2024.

_____. Brigit and Patrick in Vita Prima Sanctae Brigitae: Veneration and Jurisdiction. **Peritia**, Turnhout, v. 28, p. 35-50, 2017

ESPOSITO, Mario. On the Earliest Latin Life of St. Brigid of Kildare. **Proceedings of the Royal Irish Academy**, Dublin, v. 30, p. 307-326, 1912-1913.

_____. Notes on Latin learning and literature in Mediaeval Ireland - IV. On the early Latin lives of St. Brigid of Kildare. **Hermathena**, Dublin, v. 24, n. 49, p. 120-165, 1935.

ETCHINGHAM, Colman. Kildare before the Normans: 'an episcopal and conventual see'. **Journal of the County Kildare Archaeological Society**, Kildare, v. 19, n. 1, p. 7-26, 2000-2001.

JOHNSTON, Elva. Transforming women in Irish hagiography. **Peritia**, Turnhout, v. 9, p. 197-220, 1995.

_____. **Literacy and Identity in Early Medieval Ireland**. Woodbridge: The Boydell Press, 2013.

_____. Making St Brigit Real in the Early Middle Ages, **Proceedings of the Royal Irish Academy: Archaeology, Culture, History, Literature**, Dublin, n.124C, 2024. p. 1-26.

MCCARTHY, Daniel. Topographical Characteristics of the Vita Prima and Vita Cogitosi Sanctae Brigitae, **Studia Celtica**, n. 35, p. 245–270, 2001.

MCCONE, Kim. Brigit in the Seventh Century: a saint with three lives? **Peritia**, Turnhout, n. 1, p. 107-145, 1982.

_____. An Introduction to Early Irish Saints' Lives. **The Maynooth Review / Reivéú Mhá Nuad**, Maynooth, v. 11, p. 26-59, 1984.

MCKENNA, Catherine. Apotheosis and Evanescence: the Fortunes of Saint Brigit in the Nineteenth and Twentieth Centuries. In: NAGY, Joseph (ed.) **The Individual in Celtic Literatures**. CSANA Yearbook 1: Four Courts Press, Dublin, 2000. p. 74-108.

MEEDER, Sven. **The Irish scholarly presence at Saint Gall**. Networks of Knowledge in the Early Middle Ages. Londres: Bloomsbury Academic, 2018.

OXENHAM, Helen. **Perceptions of Feminity in Early Irish Society**. Woodbridge: The Boydell Press, 2016.

RITARI, Katja. The Image of Brigit as a Saint: Reading the Latin Lives. **Peritia**, Turnhout, n. 21, p. 1-16, 2010.

SCHMITT, Jean-Claude. Do Paganismo às "Superstições". In: _____. **História das Superstições**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997. p. 27-45.

SMITH, Julia. The Problem of Female Sanctity in Carolingian Europe c. 780-920. **Past & Present**, Oxford, n. 146, p. 3-37, Fev-1995.

The Medieval Irish History Podcast: St Brigit. Entrevistada: Catherine McKenna. Entrevistadores: Niamh Wicherley; Tiago de Oliveira Veloso Silva. Maynooth: Departament of Early Irish, Maynooth University. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1GYSJHylMITNuKUSSzLhN1?si=906adbe879094fab>. Acesso em: 30 de novembro de 2024.

Vita Sanctae Brigitae. In: CODECS: Collaborative Online Database and e-Resources for Celtic Studies. Disponível em: [https://codecs.vanhamel.nl/Vita_sanctae_Brigitae_\(Cogitosus\)](https://codecs.vanhamel.nl/Vita_sanctae_Brigitae_(Cogitosus)). Acesso em: 20 de dezembro de 2024.

Vita Prima Sanctae Brigitae. In: CODECS: Collaborative Online Database and e-Resources for Celtic Studies. Disponível em: [https://codecs.vanhamel.nl/Vita_sanctae_Brigitae_\(Cogitosus\)](https://codecs.vanhamel.nl/Vita_sanctae_Brigitae_(Cogitosus)). Acesso em: 29 de dezembro de 2024.

WYCHERLEY, Niamh. **The Cult of Relics in Early Medieval Ireland**. Turnhout: Brepols Publishers, 2015.

_____. Boss Brigit. **Spotlight on Research**. Maynooth, 01 fev 2022. Disponível em: <https://www.maynoothuniversity.ie/research/spotlight-research/boss-brigit>. Acesso em: 30 de novembro de 2024.